

O universo das *fanfictions*: quando o autor se torna leitor- corretor/revisor

*The universe of fanfictions:
when the author becomes a
reader-broker/reviewer*

Cristiane Pereira dos SANTOS (UNEMAT)
chrisletras10@gmail.com

Recebido em: 30 de jan. de 2021.
Aceito em: 25 de ago. de 2021.

SANTOS, Cristiane Pereira dos. O universo das fanfictions: quando o autor se torna leitor-corretor/revisor. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. 3, e2264, p. 466-481, set.-dez./2021. DOI: 10.22168/2237-6321-32264.

Resumo: Este trabalho é fruto de uma pesquisa de doutorado em andamento. Para tanto nos filiamos teoricamente à Análise de Discurso Materialista, desenvolvida por Pêcheux, na França, e por Eni Orlandi, no Brasil. Desse modo, procuramos compreender, nas próximas páginas de nosso trabalho, como o autor de *fanfiction* (*ficwriter*) se coloca na posição de leitor-revisor, para isso, analisamos recortes discursivos (RD) do site brasileiro *Nyah!Fanfiction*, no qual nos é apresentado o sujeito *beta-reader*. O *beta-reader*, ou *leitor-beta*, é aquele que se apresenta no *site* como um leitor que faz as correções/revisões gramaticais, de enredo, personagens etc. e se coloca como essencial para o bom funcionamento da escrita de *fã-fanfiction*.

Palavras-chave: Análise de Discurso. *Fanfiction*. Leitor.

Abstract: This work is the result of ongoing doctoral research, for which we theoretically affiliate with the Materialist Discourse Analysis developed by Pêcheux, in France and Eni Orlandi, in Brazil. In this way, we try to understand in the next pages of our work, how the fanfiction author (ficwriter), puts himself in the position of reader-reviewer, for that, we analyze discursive clippings (RD) of the Brazilian site Nyah! Fanfiction, in which we are the subject beta-reader is presented. The beta-reader, or beta-reader, is one that presents itself on the website as a reader who makes corrections/grammar, plot, characters etc. and stands as essential for the proper functioning of fan-fanfiction writing.

Keywords: Discourse Analysis. Fanfiction. Reader.

Introdução

Antes de compreendermos o funcionamento daquilo que estamos denominando posição-sujeito leitor corretor/revisor no *site Nyah!Fanfiction*¹, é necessário falar do “objeto linguístico-histórico” (ORLANDI, 2012, p. 86), que é o texto, uma vez que é por este objeto, ou melhor, por esta materialidade linguística, que se terá acesso ao discurso, isto é, a língua em funcionamento, produzindo sentidos.

O texto “é uma unidade de análise” (*Idem*, p. 64). Unidade empírica, imaginariamente estruturada com início, meio e fim, que tem relação com um autor que possibilita essa unidade, conferindo ao texto “coerência, progressão e finalidade” (*Idem* p. 64). Para a teoria da Análise de Discurso materialista, o texto, tomado na dimensão do discurso, não apresenta uma unidade fechada em si mesmo, mas é aberto de sentidos e significações, com múltiplas leituras.

Na perspectiva discursiva, para que haja a compreensão do funcionamento de um texto, um gesto de interpretação é necessário, “pois diante de um objeto simbólico o sujeito sofre uma injunção à interpretação” (ORLANDI, 2017, p. 170). Sobre essa questão, Orlandi (*Idem*, p. 171), afirma que:

no próprio texto, em sua constituição, há gestos de interpretação que mostram a ou as posições do sujeito que o produziu. Compreender significa explicitar os gestos de interpretação constituídos pelo sujeito, gestos estes inscritos no texto.

Assim, ao escrever seu texto, o sujeito, em sua função-autor, constrói seus próprios gestos de interpretação, que são marcados ao produzir sua escrita, de modo que a injunção à interpretação não fica restrita apenas ao leitor.

¹ Disponível em: <https://fanfiction.com.br/>

Conforme Orlandi (1988, p. 38), é “o leitor que atribui sentido ao texto”, isto é, o processo de leitura não é apenas decodificação, mas interpretação e compreensão das condições de produção. Para a autora, a “leitura é o momento crítico da constituição do texto, é o momento privilegiado da interação verbal, uma vez que é nele que se desencadeia o processo de significação” (*Idem*, p. 38). A partir do que nos ensina Orlandi (*op. cit.*), compreendemos que os sentidos não estão prontos e acabados no texto, pois são atribuídos pelos gestos de interpretação dos sujeitos que o lê.

Nesse bojo, a leitura também é determinada pelas condições de produção, pois o sujeito leitor, interpelado pela ideologia e inscrito em uma determinada formação discursiva, lê e interpreta produzindo sentidos ao texto, por meio da memória discursiva. Assim, a leitura determinada pelas condições de produção e pelo funcionamento da interpretação rompe com os efeitos de evidência e transparência do texto.

Diante das condições de produção que apresentamos acerca da leitura e da interpretação, uma das características que nos chamam a atenção na produção de *fanfictions* é a participação de autores que se tornam leitores das ficções de fãs, isto é, a presença de *beta-readers* com suas práticas de revisão. O termo *beta-reader* significa leitor beta e podemos compreender essa prática de revisão/correção de textos, que o *site Nyah!Fanfiction* disponibiliza para os *ficwriters*, como as letras do alfabeto grego, em que temos *alpha* e *beta*. De acordo com Paris (2016), o *alpha* é o primeiro leitor que tem contato com o texto; em outras palavras, seria o autor que produz a história e o *beta*, o revisor, a segunda pessoa que lê, ou seja, o *beta-reader*.

A constituição do sujeito beta-reader como leitor revisor/corretor

Na plataforma *Nyah!Fanfiction*, tanto os *ficwriters*² quanto os leitores são sujeitos necessários para o funcionamento do *site* e consequentemente dos *fandoms*. No entanto, há outro tipo de leitor essencial para o texto; o qual denominaremos de revisor/corretor, também conhecido no mundo das *fanfictions* de *beta-reader*, em Inglês, ou leitor beta, em Português. Desse modo, a plataforma de *fanfiction* *Nyah* disponibiliza *beta-readers* (revisores de textos selecionados pela própria plataforma) para seus *ficwriters*.

² Escritores de *Fanfiction*.

O termo “beta” é originário do universo do designer de *softwares*, no qual uma versão preliminar de um produto é oferecida para um grupo de pessoas. Isto é, uma versão beta é lançada para determinadas pessoas que se interessam em obter um produto inacabado, com a finalidade de avaliar e dar um *feedback* ao desenvolvedor do produto³.

No universo das *fanfictions*, os *ficwriters* – assim como escritores publicados por editoras renomadas – também podem ter acesso a revisores, uma vez que, na versão preliminar, o texto passa por um processo de revisão por um *beta-reader* para circulação no meio digital.

Vejamos o seguinte recorte discursivo sobre o que é um *beta-reader*:

RD1: Em linhas gerais, um *beta-reader* (ou leitor beta) é aquele que *avalia o trabalho do autor antes de ele ser “lançado ao mundo”*, ou seja, publicado. É uma espécie de leitor teste, que pode ajudar a analisar se determinada história “*está pronta*” ou se ela ainda *precisa de alguns ajustes*. E isso não apenas no aspecto gramatical, mas também no que diz respeito à redação, à estética, à construção do enredo, das personagens etc. (Disponível em: https://fanfiction.com.br/liga_dos_betas/pagina/30/O_que_e_um_beta_reader/. Acesso em: 15 mar. 2020, grifo nosso).

469

Conforme se observa no RD1, há um modo de se revisar/corrigir o texto, que é preestabelecido pelos leitores betas. Essa revisão/correção é feita por meio de uma avaliação, um *beta-reader* (ou leitor beta) é aquele que *avalia o trabalho do autor antes de ele ser lançado ao mundo*. Se na Escola a autoridade institucional do ato de avaliar é dada formalmente aos professores, no site *Nyah!Fanfiction*, é atribuído a um leitor, no entanto, não é qualquer leitor, é uma espécie de *leitor teste*, o leitor beta.

Para ser um *beta-reader* não é necessário que o sujeito-revisor tenha qualquer formação profissional em alguma área específica, pois estes são usuários que se candidatam⁴ a revisores de *fanfictions* e fazem esse trabalho de forma gratuita.

³ Alguns aplicativos de celulares, disponibilizados no Google Play ou Play Store, oferecem aos seus clientes o programa Beta. Trazemos aqui o exemplo do app Nubank, o qual apresenta a seguinte discursividade “Teste novos recursos antes do lançamento oficial e envie seu *feedback* ao desenvolvedor”.

⁴ No site brasileiro *Nyah!fanfiction* qualquer leitor pode se tornar um leitor beta. No espaço Liga dos Betas são apresentadas todas as informações necessárias sobre o que é um *beta-reader*, o que ele faz, o porquê de ter um leitor beta e como encontrar um beta que vá lhe ajudar. No entanto, durante a escrita deste trabalho, já não estava mais disponível a forma como acontece o processo de seleção desses leitores revisores/corretores.

Pode-se dizer que a função do *beta-reader* no *Nyah!Fanfiction* se assemelha com as práticas escolares, ao afirmar que *avalia* os textos dos *ficwriters*. Além disso, a sua função se assemelha também ao mercado editorial, pois o material escrito passa por uma revisão do texto, e essa revisão é feita por sujeitos que ocupam uma dada posição dentro do site, como afirma o RD1.

No mercado editorial de textos literários, a revisão textual é posta como uma condição necessária, que é negociada entres os escritores com suas editoras. No entanto não há a possibilidade de que a revisão não seja feita, pois há toda uma equipe de profissionais que exercem funções específicas para a preparação do texto e somente assim o produto final é publicado a seus leitores.

No *Nyah!Fanfiction*, os fãs criam seu próprio funcionamento e mesmo que não seja obrigatório que um texto passe pelo *beta-reader*, há sempre *ficwriters* que estão começando seu processo de escrita e desejam ou necessitam que outro leitor revise seu capítulo, ou aqueles que ainda não têm segurança do que escrevem também precisam desse suporte. Assim, uma estrutura é formada, pois temos um autor que produz o capítulo ou livro de *fanfiction*, que manda seu texto para o revisor *beta-reader* e publica sua produção em um espaço legítimo e autorizado para a circulação de livros de fãs (plataforma *on-line*). Além disso, há a divulgação do trabalho do autor, por meio do espaço “Procurando algo para ler?”, e por fim os leitores dão o *feedback* da leitura por meio dos comentários.

No RD1, afirma-se que o *beta-reader* é uma espécie de *leitor teste*, que pode ajudar a analisar se determinada história *está pronta* ou se ela ainda *precisa de alguns ajustes*. Nessa discursividade, temos um efeito de verdade funcionando por meio daquilo que se denomina, em Análise de Discurso, de esquecimento número um. “Por esse esquecimento, temos a ilusão de sermos a origem do que dizemos, quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes” (ORLANDI, 2009, p. 35). O leitor beta se apresenta com a ideia de completude, afinal, ele conhece muito sobre o enredo e a composição de personagens, uma vez que ele pertence àquela comunidade de fã – *fandom*, sobre a qual o *ficwriter* produz a *fanfiction*. Ou seja, ele detém informações e conhecimentos que não foram aprendidos em nenhum espaço educacional, seja da educação básica seja da educação superior, mas sim, na sua experiência de autor de *fanfiction*, leitor de *fanfiction* e leitor beta.

Observa-se o efeito de apagamento da incompletude, próprio das formações ideológicas na discursividade do texto estar *pronto*. Para Orlandi (2009, p. 37), “a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados [...] Daí dizermos que os sentidos e os sujeitos podem ser outros”, pois o simbólico e a história estão em constante movimento, uma vez que a existência dos sujeitos e dos sentidos está relacionada à paráfrase e à polissemia, por isso, os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros (ORLANDI, 2009).

Os administradores do site *Nyah!Fanfiction* compreendem a existência de um texto pronto e acabado ao passar pela chancela do *beta-reader*. Ainda que o texto se apresente como um objeto linguístico que tem começo, meio e fim, é pela polissemia que é possível compreender que o texto é múltiplo e não se apresenta como uma unidade fechada, pois na polissemia temos “deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco” (ORLANDI, 2009, p.36).

Para o texto estar *pronto*, é necessário que seja *não apenas no aspecto gramatical, mas também no que diz respeito à redação, à estética, à construção do enredo, das personagens etc.* Ao enunciar sobre gramática e redação, os responsáveis pelo site tomam a língua e a redação em seu sentido lato, considerando a linguagem e os sentidos próprios dos bancos escolares do ensino fundamental ao médio, quando os professores de Língua Portuguesa trabalham com seus alunos sobre as regras gramaticais e os aspectos de redação.

Sabemos que é na Escola que o aprendizado formal da língua se dá. Orlandi e Guimarães (2001, p. 21) nos apontam que o conhecimento formal da língua “deriva do domínio do Estado, a produção do saber, a produção de um saber metalinguístico inscreve-se em um jogo complexo entre o papel legislador do Estado, o papel regulador da instrução e a tradição gramatical”. A norma culta e o domínio da língua padrão são necessários em textos que estão em circulação, no entanto, há uma formação imaginária que o domínio deste conhecimento é condicionador para o bem saber da língua, de modo que há uma projeção imaginária de que o uso das normas da gramática aponta para uma língua perfeita e sem falhas, equívocos. Logo, um sujeito ideal.

O autor de *fanfiction* pode priorizar em seu texto aspectos relacionados “à estética”, próprios da literatura, como apontam os administradores do portal de *Fanfiction*. Mas, não há um rigor literário no universo da ficção de fã, pois este carrega suas próprias

particularidades, uma vez que esse tipo de texto é escrito para fãs muito específicos que esperam reviver mais episódios de uma história com a qual têm afinidade e proximidade.

Nesse sentido, Murakami (2016, p. 21) nos mostra que:

o *ficwriter* pode priorizar a sua forma e almejar um ideal estético, mas isso não é uma exigência. A *fanfic* pode ser escrita em função de uma reflexão sobre o texto fonte, como também pode não ser. Não é escrita para todos: é específica para o seu *fandom*.

Desse modo, este tipo de texto não tem a pretensão de seguir uma ordem própria destinada a textos literários, “apenas herda as classificações, os costumes, os *fanons*⁵ e os utiliza como referências do presente em sua prática”, distanciando-se na medida certa de cânone, sem deixar de se preocupar quanto à construção *do enredo, das personagens etc.*

A construção do enredo e das personagens está entre os elementos que o *beta-reader* se propõe a revisar/corrigir na escrita do *ficwriter*. Esses são os elementos principais que fazem com que uma *fanfiction* se caracterize como tal, pois, ao propor uma escrita derivada de um cânone, o autor da ficção de fã precisa continuar sua história mantendo a temática por meio dos personagens e do enredo, de modo que pode até criar novos elementos para sua escrita, tais como trazer personagens originais, mas precisa respeitar a originalidade, tanto dos personagens quanto do enredo.

Vejamos, no recorte seguinte, a justificativa para que o *ficwriter* tenha um *beta-reader*:

RD2: Por que ter um *beta-reader*?

Quando lemos as histórias de desconhecidos, ou mesmo dos nossos colegas, temos sobre elas uma visão objetiva que não temos a respeito de nossas próprias histórias, com as quais estamos profundamente envolvidos, por mais críticos que sejamos. Dessa maneira, *um beta-reader, como um leitor “de fora”, estará mais capacitado a ver algumas inconsistências que nos passam despercebidas.* (Disponível em: https://fanfiction.com.br/liga_dos_betas/pagina/30/O_que_e_um_beta_reader/. Acesso em: 15 mar. 2020, grifo nosso).

⁵ **FANON**: são aqueles casais que os fãs criaram em sua mente – muito fértil por sinal – mas, algumas vezes, esses personagens nem se olham. Às vezes é tão verdade que eles acabam ficando juntos e se tornando Canon. Por sua vez, **CANON** são aqueles casais que, desde o começo, fica preestabelecido que estão, irão ou poderão ficar juntos em algum momento. Ou seja: já são um casal ou demonstram potencial para tal. Disponível em: <https://afroliteraria.com.br/dicionario-shipper/>. Acesso em 23 out. 2020.

De acordo com RD2, o *beta-reader*, denominado de leitor de fora, posiciona-se como o *mais capacitado* a observar possíveis *inconsistências que passam despercebidas* no texto. Conforme nos apresenta Pêcheux (1969, *apud* ORLANDI, 1988, p. 103), “na produção da linguagem, o que temos não é transmissão de informação, mas efeitos de sentido entre locutores. Daí decorre o que se pode chamar de ‘efeito-leitor’”. A presente discursividade diz do olhar do outro sobre o texto e nos faz pensar que há uma relação de hierarquização, na qual o *beta-reader* intitula-se como aquele que melhor avalia o texto.

Quando nos referimos ao *leitor de fora*, temos aí o olhar do outro: o *beta-reader*, em sua posição-sujeito revisor/corretor, não lê o texto na mesma posição do sujeito autor que formulou o texto. O que temos é um sujeito que lê (*beta-reader*), posto em relação à posição autor (*ficwriter*). Assim, temos um movimento entre o autor e o leitor, que se apresentam em diferentes condições de produção, distintas formações imaginárias e múltiplas interpretações, possibilitando leituras possíveis trabalhadas no/pelo efeito-leitor.

Na perspectiva da Análise de Discurso, são possíveis versões de leitura de um mesmo texto. Essas leituras possíveis nos mostram os modos de subjetivação de cada sujeito ante sua relação com a materialidade da língua. Portanto:

o mesmo leitor não lê o mesmo texto da mesma maneira em diferentes momentos e em condições distintas de produção de leitura, e o mesmo texto é lido de maneiras diferentes em diferentes épocas, por diferentes leitores (ORLANDI, 2012, p. 62).

Assim, as múltiplas possibilidades de leituras se constituem no entremeio com diferentes gestos de interpretação. Desse modo, ao lermos um texto, diferentes sentidos são possíveis, pois todo texto tem pontos de deriva e de deslizamentos. Assim, conforme Orlandi (2012, p. 66), “o sujeito não lê da posição em que o sujeito formula: ele é posto em relação a essa posição. Aí jogam diferentes leituras, diferentes gestos de interpretação, trabalhadas no/pelo efeito-leitor”, uma vez que o efeito-leitor se dá pelo reconhecimento de sentidos não experimentados em seu texto (ORLANDI, 2012). A autora segue dizendo que:

tanto a função-autor como o efeito-leitor atestam que no discurso o que existem são efeitos de sentidos variados, dispersos, descontínuos, sendo sua unidade construção imaginária [...]. Vale, assim, dizer que o efeito-leitor é uma função do sujeito como a função-autor (ORLANDI, 2012, p.66).

Desse modo, tanto a função-autor quanto o efeito-leitor nos mostram que os sentidos podem ser outros. Assim, *o leitor de fora* na discursividade dos administradores do *Nyah!Fanfiction*, constitui-se como aquele que *estará mais capacitado*. Dessa forma, nos perguntamos, o que é ser capacitado? Quem são os *beta-readers*? São capacitados por quem para serem leitores revisores/corretores?

Orlandi (2014, 2016), ao trabalhar com a questão da formação X capacitação, faz uma compreensão importante sobre o assunto. Segundo a autora, “na pessoa capacitada, sua capacitação é para o trabalho e não para o conhecimento. Este, portanto, não produz efeitos de transformação nesta direção, pois encontra-se instrumentalizado” (ORLANDI, 2016, p. 73). Neste sentido, os *beta-readers* possuem informações necessárias que os fazem ser revisores/corretores de textos, mas eles possuem conhecimentos necessários para irem além nos textos? Ou seja, corrigir além das inconsistências que estão na superficialidade do texto. Aliás, no que consistem essas *inconsistências*? Seria uma forma de higienizar o texto, deixá-lo límpido e asséptico?

A prática de revisão/correção das “*inconsistências*” do texto pode ser compreendida, nesse sentido, como uma maneira de fazer com que os textos dos *ficwriters* atinjam diretamente os leitores aos quais a *fanfiction* é destinada, evidenciando que regras devem ser seguidas, não somente regras da norma culta da língua, *mas também no que diz respeito à redação, à estética, à construção do enredo, das personagens etc.*, conforme RD1. Nota-se que o que está em questão é a correção da língua. Em outras palavras, trata-se de tornar o texto compreensível, interpretável, como se a linguagem fosse passível de uma apreensão unívoca em relação aos sentidos.

Para compreendermos quem são os *beta-readers* que fazem a revisão/correção das *fanfictions*, trazemos, a seguir, recortes das apresentações de dois leitores beta que se dispõem a revisar/corrigir capítulos e livros.

RD3: MoonHyeJi Disponível

[03/06/2020] ♣Quem sou: Oi! Tudo bom? Você pode me chamar de HyeJi, sou apaixonada por cada detalhe desse universo, pelos animais que existem (e os que não existe também) e se eu pudesse, teria um bichinho de cada na minha casa. Sou fascinada pela astronomia. Amo as mais variadas culturas que compõem esse nosso mundo e adoro pesquisar sobre cada uma delas, se precisar conhecer outras culturas, ficarei feliz em ajudar! Prezo por uma boa relação com o autor, considerando que teremos uma jornada juntos, quero poder aproveitar esse

tempo ao máximo, te ajudando em tudo o que você precisar e aprendendo tudo o que eu puder com você, visto que o aprendizado é uma via de duas mãos. Saiba que você poderá contar comigo para tudo, sou muito paciente e sempre estarei aberta a dúvidas, sugestões e debates sobre o enredo, darei o melhor de mim para te ajudar. ♣Pontos fortes: *Adoro ortografia/gramática, então vou olhar bastante essa parte; A construção de personagens é uma das coisas mais importante para mim, acredito que sempre tem como desenvolver um pouco mais; também prezo muito por uma boa descrição.* ♣Pontos fracos: *Tenho um pouco de dificuldade com crase e com alguns casos da vírgula. Também deixo algumas incoerências no enredo passarem batidas, mas me esforçarei para melhor esses aspectos. ...]* (Disponível em: https://fanfiction.com.br/liga_dos_betas/pagina/30/O_que_e_um_beta_reader/ Acesso em: 15 mar. 2020, grifo nosso).

RD4: Ana P Disponível

[09/05/2020] Olá! Meu nome é Ana Caroline, e, como sou habituada a ser chamada tanto de Ana, como de Carol ou Caroline, você pode me chamar como quiser. Sou aquele tipo que lê, assiste e escreve sobre qualquer coisa e que tem um sentimento de amor e ódio por clichês. *Atualmente curso Psicologia e sou louca por Harry Potter desde que me conheço por gente. Amo os animais, adoro falar e procuro sempre ser paciente com todos.* Pontos fortes: *gramática e ortografia.* Pontos fracos: *descrição de cenários e crase [...]* (Disponível em: https://fanfiction.com.br/liga_dos_betas/pagina/30/O_que_e_um_beta_reader/ Acesso em: 15 mar. 2020, grifo nosso).

Chamam-nos a atenção algumas discursividades presentes no RD3 e RD4, que dizem sobre os pontos fortes e pontos fracos do *beta-reader*. Em ambos os recortes, podemos compreender que os leitores betas têm mais e menos conhecimentos em questões muito próximas relativas à norma culta da língua. Sobre seus pontos fortes para a revisão/correção de textos, o *beta-reader* do RD3, afirma: *adoro ortografia/gramática, então vou olhar bastante essa parte. A construção de personagens é uma das coisas mais importante para mim, acredito que sempre tem como desenvolver um pouco mais; também prezo muito por uma boa descrição.* Há, também, outras discursividades sobre o *beta-reader* do RD3 que nos chamam a atenção: *prezo por uma boa relação com o autor, considerando que teremos uma jornada juntos, quero poder aproveitar esse tempo ao máximo, te ajudando em tudo o que você precisar e aprendendo tudo o que eu puder com você.* De um lado, temos a posição-sujeito *beta-reader*, e de outro, a posição-sujeito *ficwriter*.

No RD4, diz-se também da posição-sujeito revisor/corretor em relação à *gramática e à ortografia*. Compreendemos que as formulações

adoro ortografia/gramática, então vou olhar bastante essa parte são sentidos que constituem as condições de produção que sustentam os discursos sobre o *beta-reader*, ao propor as adequações para os textos dos *ficwriters*, uma vez que há uma relação de paráfrase que toma a língua a partir da noção da gramática. Isto é, ao falar de escrita e correção, os sentidos de erro e acertos se fazem presentes a partir do pré-construído, de uma memória histórica que concebe a língua a partir da norma culta.

No que diz respeito aos aspectos gramaticais, o leitor beta, no RD3, apresenta o seguinte discurso: *tenho um pouco de dificuldade com crase e com alguns casos da vírgula*. Já no RD4, afirma-se que as maiores dificuldades são sobre *descrição de cenários e crase*. Ainda que o leitor beta seja, na maioria das vezes, escritor de *fanfiction* mais experiente, não é necessário que seja um profissional da linguagem, assim como vemos no RD4, em que o sujeito revisor/corretor está atualmente cursando Psicologia.

Assim como na prática escolar, em que é possível a correção e a reescrita de textos, observa-se que os *beta-readers*, nos recortes 3 e 4, fazem a revisão em uma perspectiva higienizadora da língua, a partir de conhecimentos aprendidos nas aulas de língua portuguesa e que trazem para o ambiente *on-line* da *fanfictions*. Essa prática sobressai para outros aspectos também importantes de um texto em circulação, dando maior relevância ao que é da ordem da língua, tais como: pontuação, coesão, concordância etc.

Vejamos, a seguir, no RD5, “o que um *beta-reader* (da liga dos betas) faz e o que ele não faz”:

RD5: a. Um *beta-reader* não olha apenas a parte gramatical da sua história, ele aponta as falhas no enredo, na composição das personagens, no cenário, progressão da história, na coesão das frases, na coerência dos fatos, etc.

b. Um *beta-reader* não é um leitor comum, por isso ele precisa saber de todos os pormenores da sua história, todas as surpresas, afinal... simplesmente, TUDO o que você tem planejado para o seu texto.

c. Um *beta-reader* NÃO te ajuda a escrever a história, não é um COAUTOR, ele aponta as falhas, pode até apontar caminhos, mas quem tem de encontrar as soluções é você.

d. Um *beta-reader* NÃO edita a sua história para você, nem conserta erros, ele APONTA os erros e sugere as correções, quem os conserta é você. (Disponível em: https://fanfiction.com.br/liga_dos_betas/pagina/30/O_que_e_um_beta_reader/ Acesso em: 15 mar. 2020, grifo nosso).

No item (a) do RD5, temos uma dimensão do texto produzido pelo *ficwriter*, pois a discursividade apresentada abrange do nível gramatical à estrutura do texto, a exemplo do que vem nos apresentando nos recortes anteriores.

De acordo com Orlandi (2009, p. 69), “o texto é texto porque significa”. Desse modo, o texto do autor de *fanfiction* significa, para o *beta-reader*, por toda sua estrutura organizacional e por suas marcas que o distinguem de textos/livros tradicionais que circulam na materialidade impressa, bem como por suas condições de produção próprias do digital. Assim, “a exterioridade (contexto, intertextualidade e interdiscurso) presente no texto, embora não seja transparente, é parte constitutiva do mesmo” (INDURSKY, 2001, p. 29), ou seja, *enredo*, *personagens*, *cenário*, *progressão da história* são constitutivos de uma exterioridade, de uma intertextualidade, de um discurso fundador que remete a outros textos, no caso das *fanfictions*, remete à obra cânone da Literatura.

Neste ponto de nosso trabalho, é importante distinguir intertextualidade de interdiscurso. De acordo com Indursky (2001, p. 30), “a intertextualidade aponta não apenas para uma possível origem, mas para outros textos que se inscrevem na mesma matriz de sentidos”. Por outro lado, o interdiscurso:

Pode ser entendido como a memória do dizer, remete a redes discursivas tais que já não é mais possível identificar com precisão, como no caso anterior, a origem de um texto, visto que o discurso está disperso em uma profusão descontínua e dispersa de textos, relacionando-se com formações discursivas diversas, e mobilizando posições-sujeito igualmente diferentes (INDURSKY, 2001, p.30).

Tanto o interdiscurso quanto a intertextualidade se fazem presentes para a constituição de um texto. A partir destes elementos externos, já não é possível concebê-lo como “uma instância enunciativa homogênea” (INDURSKY, 2001, p. 30). Assim, o texto da *fanfiction* é um texto carregado de características heterogêneas, que é produzido por um sujeito interpelado pela ideologia, inscrito em uma dada formação discursiva, ocupando um lugar social.

No item (b) do RD5, observa-se uma certa regularidade funcionando a respeito do *beta-reader*, pois, nos recortes já apresentados anteriormente, este é visto como um *leitor teste*, um *leitor de fora*, e agora como um *leitor* que não é *comum*. Entendemos que o leitor é um sujeito interpelado ideologicamente e que apresenta uma dada formação discursiva, dessa maneira, o sujeito-leitor ocupa uma posição-sujeito

em relação àquela ocupada pelo sujeito-autor, com ela identificando-se ou não (INDURSKY, 2001). Assim, o *beta-reader* não é um *leitor comum* na discursividade dos administradores do *Nyah!Fanfiction*. Por ocupar a posição sujeito-leitor revisor/corretor, este é interpelado pela completude, ilusão de fechamento e transparência do texto. Mesmo que saiba sobre o universo ficcional da história do *ficwriter*, o *beta-reader* só poderá produzir sua leitura a partir de seu lugar social ou, como pontuou Indursky (2001), pode ou não coincidir com o lugar social ocupado pelo sujeito-autor da *fanfiction*.

O *beta-reader* é um sujeito-leitor ideal, ou melhor, idealizado – projetado pelos administradores da página e até mesmo pelos *ficwriters* –, mas que é passível de falhas, de deslizos e de equívocos, próprios da heterogeneidade da língua. Então, imaginariamente, a posição *beta-reader*, dentro do *site Nyah!Fanfiction*, é compreendida como espaço de não-contradição e homogeneidade, assim, tem-se a ilusão de que este lugar de revisor/corretor dará conta de todas as especificidades do texto, mas esse ideal de completude está sujeito a “furos”.

No item (c) do RD5, observa-se, pela discursividade, que o *beta-reader* transfere a responsabilidade da escrita para o autor da *fanfiction*, ao enunciar que *um beta-reader NÃO te ajuda a escrever a história*, não é um COAUTOR, ele aponta as falhas, pode até apontar caminhos, mas quem tem *de encontrar as soluções é você*. Ao produzir uma escrita, um texto ou, no caso dos *ficwriters*, produzir um capítulo de uma história a ser contata, esse sujeito-autor se coloca diante de falhas, equívocos da língua, tomando-as como suas. Isso se dá em virtude de termos a ilusão de sermos a origem do dizer e que a língua(gem) é transparente; esses movimentos são necessários para que haja autoria.

Para a teoria da Análise de Discurso, a autoria é “uma função do sujeito”. Em outras palavras, “a função-autor, que é uma função discursiva do sujeito, estabelece-se ao lado de outras funções, estas enunciativas, que são o locutor e o enunciador” (ORLANDI, 2009, p. 74). Orlandi, citando Ducrot⁶ (1985), diferencia a autoria de outras duas funções enunciativas: locutor e enunciador. Assim, locutor é aquela função enunciativa do sujeito “pela qual ele se apresenta como eu no discurso e o enunciador que é (são) a (as) perspectiva (s) que esse eu constrói” (DUCROT, 1985 *apud* ORLANDI, 1988, p. 77).

⁶ Notas da autora: Cf. *Le dire et le dit* (1985), de O. Ducrot, também C. Vogt (1980) e Eduardo Guimarães (1985), em um estudo sobre “não só mas também”.

Ao diferenciar locutor e enunciador de autor, Orlandi (2009, p. 75) afirma que o autor, nas concepções foucaultianas, é “considerado como o princípio de agrupamento do discurso como unidade e origem de suas significações, como o fulcro de sua coerência”. A partir dessa concepção, é possível compreender a função discursiva autor junto às outras, tais como: locutor, enunciador e autor. Nesse sentido, podemos entender que “a função discursiva autor é a função que o ‘eu’ assume enquanto produtor de linguagem, produtor de texto” (ORLANDI, 2009, p. 75).

Imputa-se ao autor autonomia e responsabilidade, uma vez que a função-autor é a mais afetada pelo social, pelas coerções, pela coerência e pela não contradição. Ser autor é estar afetado pela formação social e pela história, pois, para a Análise de Discurso, a língua é opaca, isto é, não-transparente, e o sujeito é afetado a todo momento pela historicidade, pela ideologia, pela memória e pelo simbólico.

Nesse sentido, exige-se do autor “um texto com fecho, unidade, coerência, e que seja, portanto, discernível, concreto, alcançável, acessível, interpretável” (PFEIFFER, 1995, p. 10). Exige-se, ainda, coerência, respeito aos padrões estabelecidos, pelas formas do discurso e pelas formas gramaticais, explicitação, clareza, conhecimento das regras textuais, originalidade, relevância, unidade, não-contradição, progressão, duração do discurso ou do texto (ORLANDI, 2009).

Assim, o *beta-reader* atribui ao sujeito escritor de *fanfiction* a responsabilidade pelos dizeres presentes no texto, assim, assumir-se autor é tomar para si a responsabilidade pelo que diz e como diz. Há, desse modo, o funcionamento da assunção da autora, pois esta “se dá quando o sujeito se constitui na formação discursiva dominante de um discurso legitimado (hoje, institucionalmente)” (GALLO, 1992, p. 58). Por outro lado, Orlandi (2009, p. 76) nos diz que “não basta falar para ser autor”. Sobre a assunção da autoria, Gallo (1992) nos diz que:

implica uma inserção do sujeito na cultura, uma posição no contexto-histórico-social. Apreender a se representar como autor é assumir, diante das instâncias institucionais, esse papel social na sua relação com a linguagem: é mostrar-se como autor. (GALLO, 1992, p. 58)

A autoria é uma função do sujeito, desse modo, tanto o item (c) *um beta-reader NÃO te ajuda a escrever a história, não é um COAUTOR*, ele aponta as falhas, pode até apontar caminhos, mas quem tem de encontrar as soluções é você *quanto o (d) um beta-reader NÃO edita a sua história para você*, nem conserta erros, ele APONTA os erros e sugere as

correções, quem os conserta é você, mostram que a função autor dentro do *Nyah!Fanfiction* é exercida pela posição discursiva *ficwriter*, pois é a ele (autor) “que se exige: coerência, respeito às normas, estabelecidas, explicitação, clareza, conhecimento das regras textuais, originalidade etc.” (ORLANDI, 2009, p. 76).

Algumas considerações

A sociedade brasileira do século XXI é produto da revolução tecnológica que se fez marcante na segunda metade do século XX, que envolveu processos sociais e políticos, assim como a tecnologia da escrita, que também passou ao longo dos anos por mudanças sociais e políticas em seu modo de significar. A escrita interpelada pela tecnologia digital é um processo que permite ao sujeito – seja ele escritor-autor ou leitor-autor, no caso da *fanfiction*, assumir a posição de autor do texto, em condições de produção que muito tem a nos dizer quando tomamos as políticas de língua e ensino para reflexão.

Assim, em nosso material de análise, mostramos que o leitor (*beta-reader*) e a sua identidade é “configurada enquanto tal pelo lugar social em que define ‘sua’ leitura, pela qual, aliás ele se considera responsável” (ORLANDI, 2009, p. 76). Desse modo, a identidade de leitor do *beta-reader* é a de revisor/corretor.

A busca por um *beta-reader* faz com que o texto do *ficwriter* se adeque às regras da gramática, de convenções da escrita, da melhor adequação dos personagens e do enredo, para que, quando publicado, os possíveis leitores tenham acesso a um texto coeso, com menos problemas estruturais e tenham as características de um texto publicável.

Referências

INDURSKY, Freda. Da Heterogeneidade do Discurso à Heterogeneidade do Texto e Suas Implicações no Processo da Leitura. In: ERNEST-PEREIRA, Aracy; FUNK, Susana Borneó (orgs.). **A Leitura e a Escrita como práticas Discursivas**. Pelotas: Educat, 2001.

GALLO, Solange Leda. **Discurso da Escrita e Ensino**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

MURAKAMI, Raquel Yukie. **O ficwriter e o campo da fanfiction**: reflexão sobre uma forma de escrita contemporânea. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Universidade de São Paulo (USP), 2016. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde10042017-122630/publico/2016__RaquelYukieMurakami_VOrig.pdf. Acesso em 04. jan. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em Análise**: sujeito, sentido e ideologia. 3.ed. Campinas: Pontes, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Educação e sociedade: o discurso pedagógico entre o conhecimento e a informação. **ALED**: Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso. v. 16, n. 2, 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli; GUIMARÃES, Eduardo. Formação de um espaço de produção linguística: a gramática no Brasil. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **História das Ideias Linguísticas no Brasil**: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Campinas-SP: Pontes; Cáceres-MT: UNEMAT Editora, 2001, p. 21-38.

PARIS, Larissa Giacometti. **Oficina de Fanfictions na Escola**: uma análise das práticas de revisão e reescrita. 2016. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.

PFEIFFER, Claudia Regina Castellanos. **Que autor é este?** 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.